Violência e sociologia

Estima-se que durante a maior parte do tempo de existência da humanidade as mortes violentas eram bastante mais frequentes que actualmente. Não havia formas de protecção ambiental e social tão eficazes como há hoje. Não havia animais ou plantas domesticadas, não havia agricultura ou cidades.

Recentemente na história da espécie humana, a organização das comunidades tornou-se agressiva: deixou de acreditar e respeitar nas dinâmicas espontâneas – a natureza – e criou dinâmicas de reconfiguração do ambiente, primeiro no campo, depois em cidades, mais tarde em indústrias e por fim no mundo virtual, incluindo extensão da esperança de vida pela medicina e reprodução assistida. A confiança deixou de ser depositada sobretudo na harmonia ou desarmonia da vida dos deuses e passou a ser assunto de estado. A estabilidade pessoal passou a ser um poder atribuído aos poderosos. Poder unidimensional – sempre bom – que poderia, por isso, ser distribuído. Por exemplo, através das reservas de alimentos ou do sistema financeiro. O mundo dos deuses passou a poder ser usurpado por diabretes. As revoltas, voltar ao principio, passaram a ser úteis para afastar do poder aqueles que não respeitam a linearidade do contrato: as pessoas comuns confiam nos seus dirigentes para que eles velem organizadamente por elas.

A produção de confiança, através da propaganda, da publicidade, da ideologia, dos jogos, da opressão, da submissão, tornou-se um complexo de sectores industrializados, desde os media ao entretenimento, passando pelas escolas e pelo conhecimento. Dela depende a própria saúde das pessoas, tomadas individualmente. Inseguras, desconfiadas, as pessoas procuram com urgência estados mentais em que se sintam confiantes. Procuram serviços de saúde para os confortar ou mudam de vida e de ambiente natural e/ou social, por exemplo, para comunidades que militantemente não acreditam nas curas medicalizadas e preferem acreditar na natureza. A menos que se tenham habituado a viver em desconfiança, incapazes de se respeitarem a si e aos outros.

Para um número importante de seres humanos, os bens fundamentais, materiais e espirituais, são tidos como garantidos para toda a vida. Incluindo a protecção contra as violências da natureza. Protecção violenta contra os amigos da natureza. Pessoas incapazes de controlar os seus instintos ou pessoas com vontade de tomar o lugar das elites ou militantes contra a agressividade própria das organizações.

A um número muito importante, porém, faltam bens básicos, como alimentos e/ou abrigo estável e/ou água. Uma só pessoa a viver em condições de indignidade seria um problema urgente. Porém, nas condições de organização actuais, uma só pessoa que se possa resgatar dessa situação de miséria é um raro acontecimento celebrado pelos serviços sociais.

Mais difícil de medir é o número de pessoas que vivem aparentemente com acesso aos bens fundamentais para uma vida digna, mas que, de facto, por vergonha, usam os recursos que têm para simular viver como o primeiro grupo. Temendo, realisticamente, ser abandonadas na mó de baixo.

Esta divisão de estilos de confiança social aparece retratada de várias maneiras por vários autores. Robert Reich (1991) fala, para descrever as divisões sociais na era neo-liberal, em analistas simbólicos, trabalhadores da globalização que vivem entre metrópoles a conhecer e a servir as organizações com os seus raros conhecimentos; os trabalhadores de rotina, agarrados às industrias e aos seus espaços-tempos próprios; os trabalhadores de serviços, que cumprem as tarefas de cuidados indispensáveis à existência dos analistas simbólicos, como manter uma família ou simplesmente uma habitação própria. O autor pressupõe a existência de pessoas fora do mundo do trabalho ou nos seus limiares (Jonna & Foster 2016). Günther Jakobs (2003), no campo do direito criminal, identifica o grupo dos inimputáveis, os agentes do sector económico global, o grupo dos imputáveis, as pessoas comuns, e o grupo daqueles a quem o direito não se aplica, sobretudo os trabalhadores estrangeiros (Palidda & Garcia 2010).

As diferentes experiências sociais desenvolvem nas pessoas diferentes disposições, leques singulares ou múltiplos de capacidade de mobilização de disposições adaptadas a diferentes meios sociais e ocasiões, e diferentes capacidades de recriação de disposições proactivas.

É claro que as práticas educativas, culturais e organizativas são, neste aspecto, muito importantes, para além do caracter de cada um. Porém, são bem conhecidos os efeitos discriminatórios produzidos pelas escolas, pelo mundo do trabalho, pelo trabalho social e pelos conhecimentos. Mesmo que, por facilidade ou para não beliscar a confiança, se retenha sobretudo os aspectos construtivos das práticas referidas. Como se as organizações não tivessem efeitos perversos e inesperados conhecidos e recorrentes e como se não houvesse gente a braços com limitações das condições existências indignas para os grupos sociais protegidos. Como se, independentemente da experiência de vida, as disposições adquiridas dependessem apenas das pessoas e não fossem socialmente induzidas também. Com uma violência capaz de, na maior parte dos casos, impor regimes persistentes de incorporação de disposições defensivas e desconfiadas das organizações e das pessoas, eventualmente impossíveis de reverter durante toda a vida.

Há muitos tipos e modos de violência. As suas causas próximas podem iludir as suas causas distantes. Nomeadamente, a descrição e análise da configuração de um ser humano concreto pode iludir o processo social que restringiu a flexibilidade e o controlo dos seus comportamentos e, sobretudo, que fez o mesmo a muitos outros seres humanos fora do escopo de apreciação, naquele momento. A análise social deve ser capaz de encontrar, em cada caso de violência, as causas sociais distantes que reproduzem seres humanos susceptíveis de se deixarem envolver em situações de violência, para que seja possível evitar, para além das situações, a produção de indivíduos com tais características e, ainda, abolir processos de socialização indutores de riscos de violência incorporados nas pessoas.

 António Pedro Dores

14-06-17